

**RESENHA - A LITERATURA INFANTO-JUVENIL BRASILEIRA VAI MUITO BEM,
OBRIGADA!**

REVIEW - BRAZILIAN CHILDREN LITERATURE IS VERY WELL, THANKS!

Maurício Pedro da Silva
Pós- Doutor - USP
Universidade Nove de Julho – São Paulo
(maurisil@gmail.com)

SOUZA, Glória Pimentel Correia Botelho de. *A literatura infanto-juvenil brasileira vai muito bem, obrigada!* São Paulo, DCL, 2006.

A literatura infanto-juvenil brasileira atingiu, no século XX, sua maioridade, tanto pela quantidade de obras editadas quanto pela qualidade dos textos. O estudo que Glória Pimentel Souza realiza, no seu livro A literatura infanto-juvenil brasileira vai muito bem, obrigada! (São Paulo, DCL, 2006) é prova cabal dessa realidade.

Tratando da produção literária infanto-juvenil dos anos 1990, a partir da perspectiva do comparatismo literário, a autora propõe estudar cinco autores desse período: Lygia Bojunga (A cama, 1999), Paulo Rangel (O assassinato do conto policial, 1989), Jorge Miguel Marinho (Te dou a lua amanhã...: biofantasia de Mário de Andrade, 1993), Lia Neiva (A gata do rio Nilo, 1999) e Luciana Sandroni (Minhas memórias de Lobato, contadas por Emília, Marquesa de Rabicó e pelo Visconde de Sabugosa, 1997).

Para a autora, a atual situação da literatura brasileira infanto-juvenil contradiz a desvalorização e marginalidade a que ela ficou sujeita durante muito tempo, podendo agora ser analisada sob diferentes perspectivas críticas, como é o caso do comparatismo literário, cujas principais idéias a autora recupera em longa explanação teórica (p. 17-51).

Apresentando uma caracterização geral da literatura infanto-juvenil, Glória Pimentel Souza afirma: “A literatura infanto-juvenil é a primeira forma de escrita de contato da criança e do jovem com as tradições culturais e literárias de seu povo. Ao mesmo tempo que promove recreação, também cultiva valores necessários à vida em sociedade e favorece o raciocínio e a inteligência da criança e do jovem. Ela

pode significar também uma evasão, se os elementos da fantasia e da imaginação estiverem presentes. Sua função primeira é despertar, na criança e no jovem, o gosto pela leitura e permitir-lhe um contato com a realidade que o cerca”. (p. 53).

A autora reconhece, contudo, que a escrita de obras literárias foi, tradicionalmente, depreciada, muito em razão do caráter utilitário que sempre pareceu possuir, embora seja claro que o elemento que mais interessa às crianças é o estético. Diante desse fato, a autora se propõe a apresentar um panorama geral da literatura infanto-juvenil, no mundo ocidental de modo geral e, em particular, no Brasil, onde o gênero conhece pelo menos três momentos significativos: um inicial, de formação (final do século XIX à primeira década do XX), onde prevalecem as traduções e adaptações de contos populares, além de sua relação próxima com o universo pedagógico; trata-se de um período, nas palavras da autora, em que “os livros dirigidos às crianças e aos jovens ainda mantinham um acento utilitário e pedagógico e uma certa preocupação com a moral” (p. 80).

Um momento de transição (primeira década do século XX até por volta de 1960), destacando-se a figura de Monteiro Lobato, com uma produção mais consistente, em que “a narrativa (...) deixa de ser tradicional, fechada e unidirecional. Elementos como ludicidade, trabalho apurado da linguagem e fantasia fazem parte do novo tipo de narrativa que se inicia” (p. 87). E um período de expansão (1970 até os dias atuais), com significativo avanço do texto para o público infantil, entre outros aspectos: “seja novela, romance, conto ou crônica, utilizando dos mais diversos recursos, inclusive alguns antes apenas aplicados na literatura para adultos, trabalhando com temas novos ou revitalizando temas antigos, a literatura dirigida a crianças e jovens torna-se um caminho para a reflexão, para o questionamento e/ou para a simples fruição.

O desaparecimento da exemplaridade, o espaço cada vez maior concedido ao leitor das narrativas, o humor sempre presente e a busca de raízes brasileiras por meio do reavivamento do folclore tornam esse fazer essencialmente literário. A concepção utilitarista de que era revestida essa produção literária, a idéia de um discurso eficaz e o caráter de exemplaridade cedem lugar, portanto, à concepção estética nesse momento” (p. 92).

A autora confere especial atenção para a produção literária infanto-juvenil

da década de 90, enfatizando a obra dos autores anteriormente citados. De Lygia Bojunga destaca sua escrita introspectiva, sua pouca preocupação com os ensinamentos, com temas ligados à infância. Sobre Paulo Rangel, destaca seus textos carregados de ação, com temas de cunho social. Sobre Lia Neiva, ressalta seu realismo fantástico e suas histórias de suspense. De Jorge Miguel Marinho, cita seu trabalho intertextual e a atualidade de seus temas. De Luciana Sandroni, aborda a influência de Lobato e a inventividade.

Finalmente, Glória Pimentel Souza enfatiza a necessidade de a literatura infanto-juvenil ligar-se ao processo de escolarização das crianças, mas também atuar como um elemento incentivador da leitura. Trata-se, sem dúvida alguma, de uma leitura recomendada aos amantes da literatura infanto-juvenil e aos estudiosos do assunto de modo geral.